

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM FUNÇÃO DE SUJEITO: QUESTÕES SOBRE O ENSINO

Sandra Denise GASPARINI BASTOS

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP - Câmpus de Araraquara (2004). Atualmente é Professora Assistente Doutora de Língua Espanhola do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Câmpus de São José do Rio Preto, atuando, na Graduação, nos cursos de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor, e, na Pós-Graduação, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Descrição Funcional de Língua Falada e Escrita (Português e Espanhol), em especial das formas de manifestação das modalidades nos dois idiomas, sob o aparato teórico do Funcionalismo de linha holandesa. E-mail: sandradg@ibilce.unesp.br

Marize Dall’Aglio HATTNER

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995). Pós-doutorado na State University of New York (2000-2001) e na University of Amsterdam (2009-2010). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É membro titular do conselho da Functional Grammar Foundation. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: funcionalismo, modalidade e evidencialidade. E-mail: marize@ibilce.unesp.br

Sebastião Carlos Leite GONÇALVES

Doutor em Linguística, Área de Sociolinguística - Variação e Mudança Linguística (2003). É Professor Assistente Doutor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UNESP, Campus de São José do Rio Preto, ao qual se encontra vinculado desde 1997. Atua no ensino de graduação e de pós-graduação, foi Coordenador do Curso de

Licenciatura em Letras por dois mandatos (2003-2005 e 2011-2013), Chefe do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (2007-2008). É coordenador do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), financiado pela FAPESP (2003-2007), foi Presidente da Associação Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL-Gestão 2007-2009) e é, atualmente, vice-coordenador do GT Descrição do Português da Anpoll (Gestão 2012-2014). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Variação e Mudança Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: gramaticalização, diacronia, variação linguística, censo linguístico e funcionalismo. É co-autor do livro INTRODUÇÃO À GRAMATICALIZAÇÃO (2007, Parábola Editorial). E-mail: scarlos@ibilce.unesp.br

Resumo

Este trabalho procura responder como a descrição das orações subordinadas substantivas, feita no âmbito acadêmico, pode contribuir para o ensino dessas estruturas no âmbito escolar. Depois de mostrar como a subordinação vem sendo tratada em gramáticas escolares e em livros didáticos usados no segundo ciclo do Ensino Fundamental e apontar alguns problemas recorrentes no tratamento do tema, apresentamos o tratamento dado às orações subordinadas substantivas em função de sujeito em duas gramáticas descritivas do português, com o propósito de verificar em que medida os aspectos relevantes da descrição dessas orações estão relacionados ao modo tradicional de ensino. A partir desses trabalhos descritivos, selecionamos algumas características funcionais que consideramos essenciais para o tratamento do tema no ensino escolar.

Palavras-chave

Subordinação; ensino; livros didáticos; língua portuguesa.

Introdução

Este trabalho teve origem no interior do Grupo de Trabalho “Descrição do Português”, da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), cujo projeto de pesquisa para o triênio 2008-2011 previa o estudo da subordinação. Como um subgrupo integrante daquele projeto, voltamos nossa atenção para o estudo das orações subordinadas substantivas no português. No âmbito deste trabalho, tratamos especificamente das orações subordinadas substantivas em função de sujeito.

Com o intuito de verificar como o tema da subordinação vem sendo tratado no ensino escolar, duas questões nortearam a pesquisa do Grupo de Trabalho são enfocadas aqui:

- Como a descrição e a explicação teoricamente fundamentada das orações subordinadas substantivas feita no âmbito acadêmico podem contribuir para o ensino dessas estruturas no âmbito escolar?

- Em que grau os aspectos relevantes da descrição do fenômeno abordado são considerados no modo tradicional de descrição das gramáticas em uso no ensino escolar?

Para tentar responder a essas questões, a presente investigação está organizada em três partes. Na primeira, tecemos um breve panorama do que se ensina sobre subordinação, ou seja, mostramos como o tema é tratado nas gramáticas escolares e nos livros didáticos em uso no ensino escolar. Na segunda, trazemos as análises encontradas em duas gramáticas descritivas do português do Brasil (NEVES, 2000; CASTILHO, 2010) e concluímos, na terceira parte, com uma proposta de aproveitamento da abordagem funcionalista para o tratamento da subordinação no ensino, em especial da subordinação substantiva. Para exemplificar o tipo oracional investigado, utilizamos exemplos extraídos de notícias publicadas no Jornal *Folha de São Paulo*, selecionadas aleatoriamente no ano de 2011.

1 O que se ensina sobre subordinação: livros didáticos e gramáticas escolares

A fim de verificar como a subordinação substantiva e, especificamente, as orações subjetivas têm sido tratadas no ensino, analisamos algumas gramáticas escolares e livros didáticos adotados no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) no interior do estado de São Paulo. Entre os materiais consultados, destacamos, por serem os mais utilizados nas escolas do interior do estado, cinco livros didáticos:

- *Português: linguagens*, de William Cereja e Thereza Magalhães, edição de 2002 (LD1);
- *Português em outras palavras*, de Maria Sílvia Gonçalves e Rosana Rios, edição de 2002 (LD2);
- *Português: uma proposta para o letramento*, de Magda Soares, edição de 2002 (LD3);
- *Projeto Araribá* (Português: 8ª série), edição de 2006 (LD4);
- *Português: de olho no mundo do trabalho* (Ensino Médio), de Ernani Terra e José Nicola, edição de 2008 (LD5);

e duas gramáticas escolares:

- *Gramática reflexiva*, de William Cereja e Thereza Magalhães, edição de 2003 (G1);
- *Gramática escolar*, de Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto Moura, edição de 2003 (G2).

Apresentamos um breve resumo dos aspectos mais problemáticos relacionados ao tratamento da subordinação substantiva identificados nessas obras, em especial das orações subordinadas substantivas em função de sujeito. O recorte que apresentamos aqui se limita a descrever alguns casos de vagueza, imprecisão, superficialidade e equívoco na forma de se apresentar o tema, na relação entre orações desenvolvidas e orações reduzidas e na associação confusa entre elementos sintáticos e elementos de interpretação do texto.

Em geral, nos livros didáticos, o tema da subordinação é introduzido a partir de um texto que acaba servindo de pretexto para a identificação das estruturas sintáticas em estudo, sem que nada seja dito sobre a funcionalidade dessas estruturas. Nesse sentido, é bastante comum a apresentação da estratégia de substituição como identificação das orações substantivas, como exemplifica o trecho transcrito a seguir:

A oração é subordinada substantiva porque tem valor de substantivo. Para reconhecer se uma oração é ou não substantiva, você pode utilizar um artifício que **quase** sempre dá certo. Quando a oração é realmente substantiva, é possível substituí-la por um substantivo ou por um pronome substantivo como *isso, isto, aquilo*. (G1, p.25, grifo nosso)¹

Seguem-se exercícios de substituição de orações substantivas por substantivos, que, na maioria dos livros didáticos, estão restritos a orações objetivas diretas.

Apesar de ser o único material consultado a observar que nem sempre é possível substituir a oração subordinada substantiva por um substantivo, G2 não traz nenhuma explicação para esse fato, limitando-se a apontar para o aluno a importância de ele perceber que a oração subordinada “sempre completa o sentido da oração principal, exercendo uma função própria de substantivo.” (p. 290)

À gramática G1 deve-se a única referência, em todo o material consultado, às estruturas que comumente aparecem nas orações subordinadas substantivas subjetivas, embora nada seja dito sobre o valor semântico dessas estruturas:

Certos verbos (sempre na 3ª pessoa do singular) e certas expressões comumente têm por sujeito uma oração subordinada substantiva: acontecer, constar, cumprir, ocorrer, parecer; sabe-se, conta-se, ficou provado; é bom, é claro, é certo. (G1, p. 24, grifo dos autores)

Em todas as outras obras, o procedimento se repete: a partir de um texto dado, as subordinadas são introduzidas e caracterizadas por referência ao seu “valor de substantivo”.

Curiosamente, embora nenhuma palavra seja dita nos livros didáticos sobre valores semânticos e pragmáticos das orações subjetivas, quase todos os autores falam de uma suposta funcionalidade das orações reduzidas na constituição dos textos.

Destacando a ausência de conjunções nas reduzidas, há autores que consideram que o emprego das orações subordinadas sem conjunção é um bom recurso “para melhorar um texto cheio de ‘quês’” (G2, p. 293). Um outro comentário presente em um dos livros didáticos explicita ainda mais o equívoco do tratamento dado às orações reduzidas: “a presença constante de orações desenvolvidas e da palavra *que* pode tornar o texto prolixo e pobre quanto ao estilo. Para evitar isso, empregam-se orações reduzidas no lugar das desenvolvidas” (LD1, p. 33).

Em outro livro didático (LD2, p. 179), a explicação para a diferença entre orações subordinadas substantivas desenvolvidas e orações reduzidas aparece dentro de um tópico intitulado *Reduzir é a solução*. Esse livro cita a subordinação como um processo linguístico bastante utilizado, principalmente no discurso indireto e com verbos que indicam desejos ou hipóteses. Entretanto, ao discorrerem sobre as orações desenvolvidas, os autores recomendam “cautela”, pois consideram que o excesso de conectivos pode deixar os períodos “pesados, obscuros e até confusos” (LD2, p. 180). O equívoco da explicação vai além, quando os autores recomendam que se abriem as orações subordinadas, eliminando os conectivos e utilizando os verbos nas formas nominais: “Em muitas situações, é recomendável que se abriem as orações subordinadas, eliminando os conectivos e utilizando os verbos nas formas nominais: infinitivo, gerúndio e particípio” (LD2, p. 180).

¹ Proposta semelhante é apresentada em LD4 (p. 33).

Ainda com relação às orações subordinadas reduzidas, LD5 apresenta como proposta que essas orações sejam convertidas em orações desenvolvidas para que possam ser analisadas:

Para analisar uma oração subordinada reduzida, basta fazer o seguinte:

1. desenvolvê-la, ou seja, tirá-la da forma reduzida, fazendo aparecer o conectivo;
2. analisar a oração desenvolvida;
3. aplicar a análise da oração desenvolvida à reduzida, acrescentando as palavras **reduzida de** (gerúndio, particípio, infinitivo). (LD5, p. 294, grifo dos autores)

Infelizmente, enfoca-se apenas a diferença de classificação entre oração desenvolvida e oração reduzida, baseada na forma, sem que seja discutida a funcionalidade dos possíveis empregos.

Na ânsia de relacionar o entendimento das estruturas sintáticas com o entendimento dos textos, vários livros trazem uma associação simplista entre elementos sintáticos de natureza geral (tipo de oração, por exemplo) e elementos de interpretação de natureza específica do texto, fazendo parecer que, ao enunciar, o falante pensa primeiro na estrutura de seu enunciado e só depois no conteúdo do que quer expressar:

Usar termos ou orações de sentido equivalente na composição dos períodos é uma prerrogativa de quem escreve ou fala; da mesma maneira, será opção do usuário construir uma oração principal que exija sujeito, ou predicativo, ou aposto, ou objeto para complementá-la. Tudo dependerá da forma como quer exprimir aquilo que deseja transmitir. (LD2, p. 101)

Nos exercícios propostos nesses materiais, também é comum o aparecimento de elementos gramaticais misturados a elementos de interpretação contedística do texto. Em um dos livros (LD2, p. 32), os exercícios propostos baseiam-se em um anúncio publicitário do Canal GNT, reproduzido a seguir, que aparece associado à imagem de uma mãe com uma criança recém-nascida. Nesse texto, ocorrem várias orações subordinadas substantivas a partir da mesma oração principal *Ela não sabe que*:

Ela não sabe que o homem chegou à Lua.
Que a vida é uma contagem regressiva.
Que Berlim já foi duas.
Que na Idade Média a Igreja vendia lugar no céu.
Que homens e dinossauros nunca conviveram.
Que muitos remédios não curam, mas viciam.
Que o voto do povo salvou Barrabás e condenou Jesus.
Que o computador foi criado para resolver problemas que não tínhamos.
Que o Sudeste alaga e o Nordeste seca.
Que sexo pode ser feito sem amor.
Que o cientista que inventou a bomba atômica recebeu um prêmio por isso.
Que somos divididos em 1º. e 3º. mundo.

Que você vai fazer de tudo para não repetir os erros dos seus pais.
Que Getúlio saiu da vida para entrar na História.
Que a esmola é o imposto informal da injustiça social.
Que somos julgados pela aparência e condenados pela cor da pele.
Que o homem ainda não decidiu se veio do macaco ou de Adão e Eva.
Que todo muçulmano deve ir à Meca pelo menos uma vez na vida.
Que quem faz aniversário no Natal não é o Papai Noel.
Que o cinema já foi mudo.
Que existe Aids.
Que não existe cura.
Quem vai explicar: você ou a vida?
GNT. Informação que forma opinião
(LD2, p. 32)

Um dos exercícios referentes ao texto do anúncio tem o seguinte enunciado: “As orações subordinadas referem-se a diferentes tipos de conhecimentos e informações a respeito do mundo. Identifique no texto exemplos de conhecimentos sobre a história da humanidade” (LD2, p. 33).

Vários equívocos são cometidos nesse tipo de exercício, sendo o primeiro deles o estabelecimento de uma falsa relação biunívoca entre a estrutura sintática das subordinadas e o sentido específico do texto, na medida em que fazer referência a “tipos de conhecimentos e informações a respeito do mundo”, por exemplo, não é prerrogativa das orações subordinadas. Poderíamos, obviamente, supor que os autores estariam pensando em uma aproximação entre o conhecimento advindo da função referencial dos substantivos e aquele expresso nas orações substantivas do exercício em questão, mas o que se observa é que os “tipos de conhecimento” fundados nos fatos do mundo devem-se exclusivamente ao sentido epistêmico que o predicado *saber* projeta sobre o conteúdo das orações subordinadas do texto.

Como um predicado de cognição, o verbo *saber* seleciona um complemento que “expressa um conhecimento por parte do referente do sujeito da sentença principal”, pressuposto pelo enunciador como uma proposição verdadeira, quer o verbo venha negado (como é o caso), quer venha afirmado (GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2008, p. 1033). Mais especificamente, no caso de o verbo *saber* ocorrer negado, contribui para a interpretação da oração subordinada como uma proposição verdadeira o fato de ela vir introduzida pela conjunção *que*, a qual, se substituída pela conjunção *se*, projetaria um valor epistêmico de dúvida sobre a proposição, como se pode observar no cotejo dos exemplos construídos a seguir, a partir do mesmo anúncio publicitário.

Ela **NÃO** sabe **QUE** o homem chegou à Lua. [...] **QUE** existe Aids.
(= são verdadeiras as proposições “homem foi a lua” [...] “existe Aids.”)

Ela **NÃO** sabe **SE** o homem chegou à Lua. [...] **SE** existe Aids.
(= podem ou não ser verdadeiras as proposições “homem foi a lua” [...] “existe Aids”.)

Em suma, no exercício em questão, é a interação entre a propriedade semântica da oração principal única e os conteúdos das orações subordinadas que garante a unicidade

de função e a coesão de todas as orações subordinadas presentes no texto publicitário analisado em LD2.

As tentativas de aproximação entre a estrutura sintática e a produção de sentido evidenciam ainda mais a confusão em que se encontram os autores de diversos livros didáticos. Podemos supor que, sabedores de que se deve mostrar a funcionalidade das estruturas sintáticas para os alunos, mas sem ter clareza do que significa essa instrução, explícita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, 2000), muitos autores tentam fazer uma aproximação entre forma e função que não é generalizante, que não decorre do tipo de estrutura subordinada, mas decorre do sentido específico do texto.

Nas seções seguintes, como exercício de análise para fundamentação da procedência da crítica que levantamos nesta seção, mostraremos características sintático-semânticas das orações subordinadas subjetivas que poderiam, e deveriam, ser mostradas aos alunos, em associação com as funções dessas orações na constituição do texto.

2 As orações subordinadas substantivas nas gramáticas descritivas do português

Com o intuito de verificar em que medida os aspectos relevantes da descrição das orações subordinadas substantivas subjetivas são ou não considerados no modo como essas orações são apresentadas nas gramáticas escolares, segunda pergunta a ser respondida, fazemos uma breve exposição de como o tema é tratado em duas gramáticas descritivas do português contemporâneo do Brasil, uma dedicada à descrição do português escrito (*Gramática de usos do português*, de Maria Helena de Moura Neves, publicada em 2000) e outra à descrição do português falado (*Nova gramática do português brasileiro*, de Ataliba Teixeira de Castilho, publicada em 2010).

A partir dessas duas gramáticas descritivas, são elencadas as seguintes propriedades relevantes das orações subordinadas subjetivas:

1. estrutura da oração principal;
2. propriedades semânticas da oração principal;
3. propriedades semânticas da oração subordinada subjetiva;
4. posição da oração subordinada subjetiva;
5. propriedades discursivas.

A comparação entre as características descritas por Neves (2000) e por Castilho (2010) e as características contempladas nos livros didáticos e nas gramáticas escolares pode ser visualizada no seguinte quadro:

Principais características / Autores	Neves (2000)	Castilho (2010)	Livros didáticos
1. Estrutura da oração principal			
✓ verbos impessoais/unipessoais	+	+	+
✓ verbo <i>ser</i> + adjetivo	+	+	+
✓ verbo <i>estar/ficar/tornar-se</i> ou qualquer outro verbo de ligação + adjetivo	+		
2. Propriedades semânticas da oração principal			
✓ expressa avaliação do conteúdo da subjetiva		+	
✓ comporta predicados modalizadores		+	

(epistêmicos, deônticos e pragmáticos) ✓ comporta predicados psicológicos (aqueles que expressam a relação emotiva de um experienciador em relação a um estado-de-coisas)	+		
3. Propriedades semânticas da oração subjetiva ✓ predicados com sujeito oracional comumente pressupõem a factualidade da subjetiva	+		
4. Posição da oração subjetiva ✓ comumente pospostas à oração principal ✓ anteposição é possível, mas representa ordem marcada	+	+	+
5. Propriedades discursivas da oração principal ✓ matriz apresentacional (introduz um tópico discursivo) ✓ matriz declarativa (faz declarações sobre esse tópico) ✓ matriz evidencial (argumenta com base em evidências)		+	

Quadro 1: Características das orações subordinadas subjetivas

Numa avaliação bastante breve dos trabalhos de Neves e de Castilho, ambos assentados em descrições funcionalistas e apoiados em usos coletados em corpúsculo de grande dimensão e representatividade, podemos dizer que a descrição que apresentam é complementar. Várias características são apontadas pelos dois autores, com algumas peculiaridades que se somam, sem entrar em contradição.

No entanto, as diferenças entre o tratamento das orações subordinadas subjetivas nessas duas gramáticas descritivas e no material escolar são bastante evidentes. Além das informações sobre a estrutura da oração principal, a única outra informação comum às duas abordagens é também de ordem formal e diz respeito à posição da oração subjetiva em relação à principal. Todas as características de ordem semântica e discursiva são desconsideradas no ensino desse tipo oracional. Resta, então, dar conta da nossa terceira meta neste trabalho.

Tendo em vista os estudos descritivos de Neves (2000) e de Castilho (2010) e os resultados da descrição funcional que adotamos, destacaremos apenas os aspectos que julgamos como os mais relevantes para um tratamento das orações subjetivas com finalidades didáticas.

3 Proposta de aproveitamento das descrições funcionalistas para o ensino

Apenas para ilustrar as possibilidades de aproveitamento das descrições funcionalistas para o ensino, trataremos de duas características dessas orações que precisariam receber maior atenção no ensino: o valor semântico do predicado encaixador e suas consequências para a correlação modo-temporal entre a principal e a subordinada.

Segundo Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), em estudo sobre a subordinação sentencial no português falado culto no Brasil, os predicados presentes na

oração principal de uma subordinada substantiva expressam diferentes valores semânticos com relação ao conteúdo da oração subordinada, podendo ser assim subclassificados em diferentes tipos, a depender do domínio semântico em que se inserem. Da classificação proposta por esses autores, selecionamos apenas os tipos semânticos de predicados que ocorrem com orações subjetivas (verbais, adjetivas e nominais), a saber:

- a) **Predicados modais:** podem expressar significados modais epistêmicos - relacionados ao grau de certeza e/ou descomprometimento do falante com relação ao conteúdo da oração subordinada, conforme mostram, respectivamente, os exemplos (01) e (02) - ou deônticos - relacionados a estados-de-coisas obrigatórios, conforme exemplos (03) e (04):

(01) É mais razoável, como prevê a teoria da progressão continuada, que a escola identifique tão rapidamente quanto possível os alunos que não assimilam os conteúdos e procure corrigir a situação. **É claro que é mais fácil falar do que fazer.** (Folha de S.Paulo, 28/12/2011)

(02) **É possível que o pessimismo com a economia contamine o humor do eleitorado** e prejudique candidatos apoiados pelo governo. (Folha de S.Paulo, 30/12/2011)

(03) Para o sistema funcionar **é necessário que a rede pública desenvolva estruturas de avaliação fina, de aulas de reforço em vários níveis para cada série e de apoio psicopedagógico.** (Folha de S.Paulo, 28/12/2011)

(04) O resultado pode ser comparado aos de períodos anteriores e então se sabe se o PIB, o volume da produção, caiu ou cresceu -e quanto. **Convém expressar o PIB numa unidade de conta comum, dinheiro corrente,** desde que se tome cuidado com os efeitos da inflação. (Folha de S.Paulo, 29/12/2011)

- b) **Predicados evidenciais:** indicam a fonte da informação codificada na oração subordinada, como exemplifica (05), que expressa uma inferência do próprio enunciador:

(05) Até **acredito que no futuro existirão mais pessoas se relacionando com múltiplos parceiros ou completamente sós.** (Folha de S.Paulo, 04/01/2011)

- c) **Predicados avaliativos:** expressam uma avaliação subjetiva do falante em relação a um estado-de-coisas, que é avaliado por seu interesse, importância, curiosidade, etc. Esses predicados podem ser representados por verbos (exemplo (06)), adjetivos (exemplos (07) e (08)) e substantivos (exemplo (09)):

(06) Uma das regras da boa literatura é não dizer tudo de uma vez. **Importa que o leitor entenda por si mesmo o que se deixou apenas sugerido.**

(Folha de S.Paulo, 28/11/2011)

- (07) Segundo Edward Hannan, professor da Universidade de Albany, nos EUA, e autor do estudo, **é importante conhecer os fatores de risco para dar atenção especial a certos pacientes**. Ele diz que é preciso coordenar melhor os cuidados pós-internação e, talvez, manter as pessoas por mais tempo no hospital depois de pôr o stent. (Folha de S.Paulo, 28/12/2011)
- (08) E a sexta sugestão é a "Piratária Já". Ou seja, vamos aprender o que faz o Barcelona e imitá-lo. **É curioso que não haja nenhum time do planeta tentando algo assim**. (Folha de S.Paulo, 28/12/2011)
- (09) **É uma pena constatar**, como leitora desse jornal, **o terrível silêncio da mídia** desde o lançamento do livro "A Privatária Tucana", do jornalista Amaury Ribeiro Jr. (Folha de S.Paulo, 15/12/2011)

d) **Predicados de acontecimento**: indicam a ocorrência do estado-de-coisas expresso na oração subordinada, como mostra o exemplo (10):

- (10) Confesso que, antes de dar o título àquela crônica, pensei em recorrer a Stendhal, apelando para o vermelho e negro ("Le Rouge et Le Noir") de um de seus romances, um dos maiores de todos os tempos. **Acontece que Stendhal lia todos os dias o Código Civil para melhorar o estilo e evitar redundâncias**. (Folha de S.Paulo, 30/12/2011)

Várias características morfossintáticas das orações subjetivas podem decorrer do tipo de predicado presente na oração principal, tais como forma finita ou não finita da subordinada, factualidade ou não-factualidade, tipo de complemento encaixado (estado-de-coisas ou proposição) e a correlação modo-temporal entre a principal e a subordinada. É exatamente a variação dessa correlação que vamos analisar, com o intuito de sugerir uma possibilidade de aproveitamento do que trazem as gramáticas descritivas para o tratamento do tema no âmbito escolar.

Considerando os diferentes campos semânticos da avaliação expressa pelo predicado, é possível estabelecer associações entre o domínio da avaliação (deôntica, epistêmica, evidencial, avaliativa ou de acontecimento) e as variações de modo e tempo da oração subordinada. Para ilustrar essas possibilidades, analisaremos exemplos com os predicados *convir e acreditar*, discutindo alguns parâmetros.

- (11) Como seus pares, porém, ele não paira acima de críticas. A menos importante é que o livro contém expressões racistas. Índios e negros são descritos como pertencentes a "raças inferiores". **Não convém, entretanto, privilegiar a chave de leitura politicamente correta**. (Folha de S.Paulo, 03/12/2011)

A oração principal de (11) é composta por um predicado **avaliador modal deôntico**, cuja propriedade 'ser conveniente' está sendo atribuída ao argumento expresso pela oração não finita. Nesse caso, o tipo de complemento encaixado é um **estado-de-coisas** que está sendo avaliado pelo falante.

Verbos desse tipo ocorrem preferencialmente com complementos oracionais não finitos, que sempre expressam estados-de-coisas, embora também possam ocorrer com complementos oracionais finitos, como em:

- (11 a. Não **convém que se privilegie** a chave de leitura politicamente
) correta.

Nesses casos, a variação de modo e de tempo da subjetiva fica limitada pelo valor semântico do predicado, que expressa uma **avaliação modal deôntica** de um **estado-de-coisas**. Sendo deôntica, essa avaliação só se aplica a estados-de-coisas não ocorridos ainda, mas que possivelmente venham a ocorrer, razão pela qual somente o modo subjuntivo se torna uma alternante da forma não finita. Assim, as combinações desses predicados com tempos do modo indicativo na subjetiva resultam inaceitáveis, como mostram as paráfrases a seguir:

- (11 b. * Não convém **que se privilegiou** a chave de leitura politicamente
) correta.
 c. * Não convém **que se privilegia** a chave de leitura politicamente
 correta.
 d. * Não convém **que se privilegiará** a chave de leitura politicamente
 correta.

Comparem-se, agora, essas restrições com o grau menor de dependência que existe entre um predicado avaliador modal evidencial, como o verbo *acreditar*, em (12), e a **proposição** que ele encaixa, unidade semântico-funcional mais complexa do que um estado-de-coisas:

- (12 **Acredito que a maioria dos brasileiros não tenha ideia** do que é
) morar ao lado de uma usina termelétrica. (*Folha de S.Paulo*,
 24/03/2011)
 a. *Acredito* que a maioria dos brasileiros não **tem** ideia
 b. *Acredito* que a maioria dos brasileiros não **teve** ideia
 c. *Acredito* que a maioria dos brasileiros não **teria** ideia

Nesses casos, a correlação modo-temporal é muito mais frouxa do que nos casos de predicados modais deônticos. A hipótese aqui defendida é a de que quanto mais alto o nível na escala hierárquica das qualificações modais (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008), menor será o grau de integração entre as orações principal e subordinada, fato esse expresso pela correlação não obrigatória de tempo e de modo em algumas construções subordinadas.

Embora as causas dessa correlação possam ser difíceis de serem explicadas no Ensino Fundamental e mesmo no Ensino Médio, não é necessário chegar a elas para poder mostrar a funcionalidade das diferentes orações subjetivas. Muito mais do que “transmitir conhecimento”, essas orações podem corresponder a estados-de-coisas ou proposições, unidades semântico-funcionais de natureza diferente quanto ao modo de sua avaliação: enquanto um estado-de-coisas é avaliado em termos de sua realidade, proposições só podem ser avaliadas em termos de seu valor de verdade (LYONS, 1977). E, como

mostramos, esses campos semânticos dos predicados trazem consequências para a organização morfossintática, semântica e pragmática do complexo oracional como um todo.

Seria produtivo que os alunos conseguissem perceber as diferentes avaliações que o falante faz da oração subordinada subjetiva por meio de estruturas sintáticas iguais ou semelhantes, como em (13a-e):

- (13 a. **É possível que** ele venha.
)
b. **É uma pena que** ele venha.
c. **Convém que** ele venha.
d. **É necessário que** ele venha.
e. **Acontece** que ele vem.

E, ainda, que pudessem perceber como esses campos semânticos dos predicados trazem consequências para a organização morfossintática, semântica e pragmática da oração complexa, como em (14), em que o valor epistêmico de certeza (14a) ou possibilidade (14b) do predicado encaixador determina o modo da oração subordinada:

- (14 a. **É certo que** ele vem.
)
b. **É provável que** ele venha.

Mais do que discutir a forma desenvolvida ou reduzida das orações subordinadas, seria interessante que os livros didáticos, em lugar de sugerirem o uso de orações reduzidas para evitar um texto “pesado” ou “obscuro”, comentassem a existência de predicados na língua portuguesa que ocorrem preferencialmente com orações desenvolvidas ou finitas (como *claro* no exemplo (15)) e os que ocorrem preferencialmente com orações reduzidas ou não finitas (como *fácil* no exemplo (16)):

(15) Entrei num mercado do centro de São Paulo com o Galaxy Note no bolso de trás da calça jeans, no qual o aparelho mal cabia. Quando ele começou a tocar, saquei o telefone, coloquei-o junto da orelha e atendi a ligação. **É claro que todos na fila olharam com um ponto de interrogação no rosto.** (*Folha de S.Paulo*, 19/12/2011)

(16) Mesmo sem nenhum distanciamento histórico, **é fácil ver como 2011 foi um ano de mudanças profundas.** (*Folha de S.Paulo*, 27/11/2012)

Para finalizar, comentamos a possibilidade de supressão do verbo cópula que antecede adjetivos e substantivos nas orações subordinadas substantivas em função de sujeito, uso não mencionado em nenhum dos livros didáticos consultados. Essas formas variantes poderiam ser facilmente reconhecidas pelos estudantes se os exemplos apresentados estivessem baseados em ocorrências reais da língua, como (17) e (18):

(17) Hoje à tarde, Kassab visitará as obras da Arena Palestra, do Palmeiras. **Claro que existe um interesse público na construção de um hotel [no bairro do Morumbi].** Estamos perto do Palácio do governo e de diversos

hospitais, como é o caso do Albert Einstein e do São Luiz", argumentou o presidente são-paulino, Juvenal Juvêncio. (*Folha de S.Paulo*, 27/12/2011)

- (18) Mas, se até o Irã tem uma rua que festeja o Natal, como mostrou sexta Samy Adghirni, talvez a melhor promessa de repórter entre os jovens, é evidente que o espírito natalino tem uma universalidade que supera fronteiras religiosas. **Pena que a universalidade se deva muito mais à propaganda consumista do que à mensagem de paz.** (*Folha de S.Paulo*, 25/12/2011)

O tratamento das questões aqui discutidas pode trazer contribuições tanto para a descrição do perfil das orações subordinadas substantivas em função de sujeito no português, como para o preparo de materiais didáticos que proporcionem mais reflexão sobre o tema.

Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo verificar como as orações subordinadas substantivas em função de sujeito são tratadas nos livros didáticos e gramáticas escolares e também em gramáticas descritivas. Com o intuito de pensar formas de abordagem mais eficientes do tema no ensino de português, procuramos estabelecer uma relação entre o que se ensina por meio dos materiais didáticos e o que se diz sobre o tema no âmbito das gramáticas descritivas.

Nossa contribuição consiste em levantar alguns aspectos que precisariam ser revistos ou acrescentados nos materiais de ensino, tais como:

- a) proporcionar uma reflexão sobre as diferentes estruturas que podem ocupar a posição do sujeito na oração simples e na oração complexa, de forma a não limitar o reconhecimento da função de sujeito aos sintagmas nominais prototípicos (determinante + substantivo);
- b) explorar a questão da posição da oração subordinada em relação à oração principal, com comentários sobre os diferentes efeitos de sentido advindos da anteposição ou da posposição da oração (formas marcadas e formas não marcadas na língua);
- c) explorar os diferentes tipos de predicado da oração principal, bem como suas propriedades semânticas e discursivas, avaliando, também, em que medida a natureza do predicado da oração principal determina o tipo de oração a ser subordinada;
- d) especificar a relação modo-temporal entre a oração principal e a oração subordinada, assunto não explorado nos materiais didáticos.

Para encerrar, gostaríamos novamente de situar essa discussão dentro de um grupo de trabalho que está em busca de uma aproximação entre “as reflexões que se faz na universidade e o discurso sobre as regras efetivamente em uso”. Fora desse contexto, de busca, de processo em curso, essa discussão poderia soar extremamente simplista e ineficaz.

GASPARINI BASTOS, S. D. SUBORDINATE CLAUSES ACTING AS SUBJECT: ISSUES RELATED TO TEACHING

Abstract

This paper attempts to answer how the descriptive analysis of the substantive subordination clauses made within the realm of academic research can contribute to the effective teaching of those structures in the Elementary School. After showing how the subordination has been treated in grammar school and textbooks and pointing at some recurring problems in the presentation of the subject, we present the treatment of subordinate clauses with the function of subject in two descriptive grammars of Portuguese, in order to ascertain to what extent the relevant aspects of the description of those clauses are related to the traditional way of teaching. From those descriptive works, we selected some functional features considered to be essential for the treatment of the subject in the Elementary School.

Keywords

Subordination; teaching; textbooks; Portuguese.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa, 3º e 4º ciclos*. Brasília, DF: MEC/SEB, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, DF: MEC/SEB, 2000.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens. 2.ed.* São Paulo: Atual, 2002.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*. São Paulo: Atual, 2003.

Mouton de Gruyter, 1997b.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M.. *Gramática escolar*. São Paulo: Ática, 2003.

GONÇALVES, M. S.; RIOS, R.. *Português em outras palavras. 4.ed.* São Paulo: Scipione, 2002.

GONÇALVES, S. C. L.; GALVÃO, V. C. C.; SOUSA, G. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. M.; CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, v. 2, p. 1021-1084.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NEVES, M. H. M.. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

PROJETO ARARIBÁ. *Português*: 8ª. Série. São Paulo: Moderna, 2006.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Português*: de olho no mundo do trabalho. Volume único para o Ensino Médio. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2008.